

MÉTODO INTERVENCIONISTA EM PSICODINÂMICA DO TRABALHO COMO UMA ALTERNATIVA PARA ESTUDOS SOBRE SUBJETIVAÇÃO DA AÇÃO EMPREENDEDORA POR MULHERES

ALEXANDRE MARCELO COUTINHO GUEDES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)

MÉTODO INTERVENCIONISTA EM PSICODINÂMICA DO TRABALHO COMO UMA ALTERNATIVA PARA ESTUDOS SOBRE SUBJETIVAÇÃO DA AÇÃO EMPREENDEDORA POR MULHERES

Resumo

O estudo tem como objetivo estruturar uma articulação metodológica entre as abordagens teóricas que tratam da Psicodinâmica do Trabalho - PDT e o Empreendedorismo. A investigação é parte de uma pesquisa mais ampla, cujo o objeto de estudo é o processo de intersubjetividade proveniente da ação empreendedora por mulheres. A fim de sistematizar esse processo de articulação metodológica, optou-se por criar, inspirado no método do Laboratório de Mudança, baseado na Teoria da Atividade Histórico-Cultural – TAHC, uma estrutura metodológica específica para a Clínica em PDT, nominada como Laboratório de Mediação em Psicodinâmica do Trabalho. A utilização desta abordagem metodológica pretende ser uma alternativa nas pesquisas que busquem propiciar melhor compreensão dos processos psíquicos de subjetivação que envolvam o prazer e sofrimento provenientes da ação empreendedora e pela conscientização sobre a importância da construção de laços afetivos entre essas participantes, para que, por meio de um coletivo, seja possível romper com o risco da condição de alienação, buscando a preservação do bem-estar físico, mental e emocional das mesmas.

Palavras Chaves: Psicodinâmica do Trabalho; Empreendedorismo por Mulheres; Subjetivação

1 – Introdução

O estudo se propõe estruturar uma articulação metodológica entre as abordagens teóricas que tratam da subjetivação, pela perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho (daqui em diante, nominado como PDT), e as técnicas de pesquisa que possibilitem uma aproximação entre estes conteúdos e a realidade prática, no que tange à ação empreendedora por mulheres. A ideia é sistematizar procedimentos, atores e teorias com o propósito de contribuir com o desenvolvimento de pesquisas que tratem de impasses teóricos e desafios práticos ligados ao tema subjetivação no trabalho, especialmente quando esse trabalho estiver relacionado com a ação empreendedora, dado que o campo empreendedorismo é amplo, e se encontra em processo de consolidação.

A opção por aproximar a Clínica em PDT da intersubjetividade da ação empreendedora se deve pela escassez de estudos que combinem os dois temas (GUIMARÃES JÚNIOR, MACEDO, 2013). Na verdade, durante o levantamento de estudos correlatos, nenhuma pesquisa foi identificada que tratasse das especificidades do Empreendedorismo por Mulheres e a Clínica em PDT. Acredita-se que a temática, por meio deste recorte de gênero, possa contribuir de forma significativa para a compreensão dessa realidade, considerando o contexto do empreendedorismo feminino e seu funcionamento, proporcionando maior diversidade de perspectivas quanto a subjetivação da ação empreendedora por mulheres, e seus desdobramentos em situações de prazer e sofrimento para a empreendedora, que sejam provenientes do seu trabalho.

Além disso, a Clínica em PDT poderá propiciar uma elaboração sobre as vivências subjetivas no contexto do trabalho, procurando desvendar o modo como, na organização do trabalho, os sujeitas-empendedoras lidam com as pressões, dificuldades, desafios passivos de ocasionar sofrimento, ou mesmo, de prazer (ROSSI, 2014), assim como, desenvolverá um esforço emancipatório, buscando uma consciência por parte dos sujeitos-empendedores sobre como se dá esse processo subjetivação no contexto do trabalho, além de possibilitar a construção de laços afetivos entre empreendedoras, para que, por meio de um coletivo, seja possível romper com o risco da condição de alienação, buscando a preservação do bem estar

físico, mental e emocional do sujeito (DEJOURS, 2012; MARTINS, MENDES, 2012; GÓMEZ, et al., 2016).

Diversos estudos têm se dedicado a explicitar aspectos concernentes à metodologia da Clínica em PDT, tanto considerando a proposta mais original de seu principal autor, Christophe Dejourns, em sua obra “A loucura do trabalho”, ou em obras cujos aspectos metodológicos sofreram adaptações para se ajustar à realidade brasileira (DEJOURS, 1987; MENDES, 2007). No entanto, observa-se nesses estudos em Clínica em PDT um entendimento geral de que o campo ainda está se constituindo, havendo espaço para propostas teórico-metodológicas, desde que não se distancie das bases epistemológicas que fundamentam a teoria da PDT (MENDES, 2007).

Como meio de sistematizar o processo de articulação teórico-metodológico entre a Psicodinâmica do Trabalho e o Empreendedorismo (no caso, por mulheres), resolveu-se criar, inspirado no método do Laboratório de Mudança, que se baseia na Teoria da Atividade Histórico-Cultural - TAHC (VIRKKUNEN, NEWNHAM, 2015), uma estrutura metodológica específica para a Clínica em PDT, de maneira que se pudesse unir intervenção à pesquisa, ao interferir em situações concretas de trabalho, buscando compreender os processos psíquicos envolvidos em determinada situação problema, promovendo a reflexão sobre a situação, por parte dos participantes da pesquisa, e impulsionando a formulação de avanços teóricos e metodológicos que sejam úteis para aplicações em outros contextos de trabalho quando forem semelhantes. Tal estrutura metodológica está sendo nominada como Laboratório de Mediação em Psicodinâmica do Trabalho.

Para tratar desse tema, estruturou-se este artigo em 6 partes, além da Introdução. A primeira aborda uma discussão sobre a importância de se buscar alternativas metodológicas, especialmente de abordagem qualitativa, em pesquisas que tenham o Empreendedorismo como *background*; a segunda contextualiza os Métodos intervencionistas em Clínica em PDT; a terceira descreve a proposta do Laboratório de Mediação em PDT, considerando as etapas da Clínica em PDT – Pré-pesquisa, Pesquisa e Validação e Refutação e o formato proveniente da inspiração com o Laboratório de Mudanças - TAHC; a quarta trata dos Critérios de Análise da pesquisa em PDT; a quinta apresenta as expectativas com os estudos em PDT junto à mulheres empreendedoras; a sexta parte trata das Considerações Finais do estudo, com as respectivas referências, ao final.

2 – Método de Pesquisa em Empreendedorismo

Empreendedorismo é um campo de estudo que tem crescido exponencialmente em suas diversas categorias, entre elas, o empreendedorismo por mulheres. Mas que, ainda tem se mostrado desafiador, dado sua amplitude e o seu nível de complexidade, o que tem exigido dos pesquisadores da área uma fluência em uma ampla gama de metodologias, para que se possa atender aos diversos objetivos de diferentes estudos e responder às novas questões de pesquisa que surgem continuamente. Tal amplitude tem demandado, ao mesmo tempo, a consolidação do paradigma positivista, tradicionalmente utilizado em pesquisas no campo, mas também a inclusividade, diversidade e pluralismo, necessários à evolução e aprofundamento do nível de sofisticação de métodos, inclusive, no que se refere às abordagens interpretativistas, consideradas, nesse estudo, mais adequadas para tratar de temas relacionados como a subjetivação da ação empreendedora (NEEGAARD, ULHØI, 2007; LEITCH, HILL, HARRISON, 2009).

No entanto, mesmo ciente de que o empreendedorismo, em toda a sua complexidade e dinâmica, oferece diversas possibilidades para a utilização de uma ampla variedade de abordagens metodológicas, observa-se a prevalência de uma visão corrente que aponta para a adoção sistemática de um paradigma de pesquisa caracterizado por um compromisso com a

utilização de métodos quantitativos a fim de analisar conjuntos de dados em larga escala e estabelecer resultados generalizáveis. Isso ocorreria porque a adoção desse paradigma seria algo necessária e desejável para legitimar a maturidade do campo (NEEGAARD, ULHØI, 2007).

Leitch, Hill, Harrison (2009) justificam que a preferência por estudos de abordagem positivista está relacionada com o fato de o campo do empreendedorismo ainda necessitar de legitimação, mesmo que tenha se desenvolvido substancialmente nos últimos 30 anos. Os autores consideram que o foco da pesquisa em empreendedorismo ainda é dissipado pela muita fragmentação dos temas e abordagens metodológicas, o que restringe o desenvolvimento acadêmico do campo, enfraquecendo sua credibilidade como uma disciplina consolidada. Por esse motivo, a maioria dos acadêmicos do campo empreendedorismo, buscam se alinhar à essa convergência e linearidade na construção de conhecimento, direcionando seus esforços para a produção dentro do paradigma do positivismo ou (neo)positivismo.

O interesse por outras abordagens metodológicas, de caráter mais subjetivo e interpretativista, como é a Clínica em PDT, é incentivada por Gartner, Birley (2002), tendo em vista que, segundo os autores, muitas questões substantivas no empreendedorismo são raramente abordadas porque muitas delas só podem ser respondidas através de métodos e abordagens qualitativos apropriados. Para os autores, algumas perguntas simplesmente não são feitas, ou não podem ser feitas, quando há um entendimento sobre o fato de as pesquisas em empreendedorismo consideradas relevantes se restringem aos estudos quantitativos. Segundo os referidos autores, as possibilidades devem ser ampliadas através da busca por respostas através de uma abordagem qualitativa desde que realizadas com o mesmo rigor metodológico e respeitando as características do método.

Entre as perguntas ainda não respondidas no campo do empreendedorismo pode-se acrescentar as seguintes: existiria uma relação significativa entre a ação empreendedora e o equilíbrio psíquico e emocional da sujeita- empreendedora? Até que ponto as empreendedoras sofrem com a precariedade do ambiente onde seu negócio está inserido? O que causa esse sofrimento e que mecanismos de defesa são empregados para alcançarem certa normalidade? Como as empreendedoras conseguem transformar situações desestruturantes em satisfação e prazer? O objetivo deste estudo não é responder à estas questões, mas apontar para uma abordagem teórica e para uma proposta metodológica específica, a Clínica em Psicodinâmica do Trabalho, que pode propiciar estas respostas. Tal abordagem será melhor apresentada no tópico seguinte:

3 - Método da Clínica em Psicodinâmica do Trabalho - PDT

Ao conceituarem Clínica do Trabalho, Bendassoli e Soboll (2010, p. 6) a descrevem como “um conjunto de abordagens teórico-metodológicas que têm como foco de estudo a relação entre trabalho e subjetividade”. Os autores ainda mencionam que é na Clínica do Trabalho que o sujeito “se afirma na sua relação consigo mesmo, com os outros com quem trabalha e pelo qual colabora para a perpetuação de um gênero coletivo”.

A PDT é uma perspectiva teórica que tem abordado conjuntamente a subjetividade e o trabalho (em suas diversas formas), e que tem se desenvolvido muito no meio acadêmico brasileiro. Ela foi criada por Christophe Dejours, especialista em medicina do trabalho, psiquiatra e com formação psicanalítica, tendo realizado seus estudos na *Association Psychanalytique de France*. A PDT direciona suas análises para situações coletivas que têm sua gênese nas relações de trabalho a serem interpretadas e compreendidas. Ela investiga o registro simbólico, que funciona como um tipo de linguagem para dar conta de explicar tudo aquilo que compõe o universo de cada indivíduo no trabalho e destaca a influência que esse registro exerce em seu equilíbrio psíquico. Para entender as relações muitas vezes complexas que os indivíduos têm com seu trabalho estruturado e organizado, a PDT é baseada em uma

abordagem interdisciplinar das conjunturas de trabalho da vida real, uma abordagem que alimenta a sociologia do trabalho, a saúde e a comunicação (MENDES, 2007; ALDERSON, 2004).

A principal forma de estudar PDT é pelo método da Clínica do Trabalho em PDT, que parte do pressuposto de que a subjetivação se dá por meio do compartilhamento do sentido de trabalho, construído com base nos conflitos, contradições e interações entre desejo e necessidade do trabalhador e as condições, organização e relações sociais particulares em determinado contexto de produção (MENDES, 2007; GÓMEZ, MENDES, CHATELARD, CARVALHO, 2016; CASADORE, 2017).

O processo de subjetivação que trata esse estudo está relacionado com a interação dinâmica em que o sujeito-empresendedor, enquanto trabalha (empreende), dá de si próprio a esse trabalho, à medida que atua, executa, inova, decide, interage e recria contextos, oferece sua razão e sua emoção, sua objetividade e, especialmente, sua subjetividade, para dar conta não apenas do que foi determinado pela organização do trabalho, mas também daquilo que não foi previsto. É nesse “dar de si” que o empreendedor (ou empreendedora) transforma o contexto de trabalho (do negócio), mas também é transformado por ele, à medida que amplia suas experiências. Tal interação poderá levar as empreendedoras sentirem-se realizadas e vivenciarem o prazer, ou experimentarem angústias, preocupações, estresse e sofrimento (DEJOURS, 2004; DAVEL, VERGARA, 2012).

Já o termo sentido do trabalho são as representações individuais e/ou coletivas em relação ao ato de trabalhar, que são desenvolvidas por meio dos processos de percepção e reprodução do sentido (COSTA, 2013). Assim, quando as situações de trabalho forem vivenciadas, as empreendedoras farão uso de um conjunto de crenças, conhecimentos práticos, experiências e saberes adquiridos, que são compartilhados no cotidiano. Esses saberes e crenças são apreendidos de modo cognitivo, mas são elaborados e compartilhados “recheados” de ideologias e símbolos, que dão um significado para cada uma das mulheres empreendedoras, mas também ao coletivo delas (SPINK, 1993).

Esse compartilhar de sentidos é expresso por meio da fala de um coletivo formado por quem trabalha em determinado contexto comum. Por esse motivo, a escuta e a interpretação são consideradas princípios metodológicos fundamentais da Clínica do Trabalho. Ela parte do pressuposto de que, pela palavra, o trabalhador pode tornar visível o invisível e, conseqüentemente, descobre o oculto e o desconhecido sobre as relações com o contexto de trabalho, no momento em que lhe é permitido pensar, junto com o pesquisador, as suas experiências. Acredita-se assim que o acesso à subjetividade das empreendedoras no trabalho se dará basicamente por meio da relação entre a palavra das empreendedoras e a escuta do pesquisador, permitindo aos sujeitos que falam sobre suas vivências na ação empreendedora uma clarificação de seus comportamentos, colaborando para a mudança da sua percepção a respeito da situação vivida (MENDES, 2007; MARTINS, MENDES, 2012; GHIZONI, MENDES, 2014).

No entanto, segundo Mendes (2007), apesar de a PDT privilegiar a Clínica do Trabalho como método de pesquisa, ela não considera a Clínica do Trabalho, tal como utilizada nos estudos iniciais em PDT, como método exclusivo, tendo em vista sua posição de não entender que o método, por si só, garante a cientificidade da pesquisa.

Dessa forma, mesmo mantendo a essência dos aspectos teóricos e metodológicos da PDT, alguns procedimentos podem ser flexibilizados, por meio de algumas variações e adaptações que, apesar de apresentarem certas diferenças da clínica do trabalho, procuram manter os princípios centrais da psicodinâmica, que estão relacionados com a capacidade da pesquisa de revelar o trabalho na sua complexidade, desvelar mediações, contradições e intersubjetividade, de maneira que seja possível avaliar o real, tendo consciência de que não é possível observá-lo diretamente (MENDES, 2007, p. 66-67).

4 – Laboratório de Mediação em PDT

O Laboratório de Mediação em PDT é uma abordagem metodológica que combina os fundamentos teóricos da Clínica em PDT (Conteúdo) com o desenho e a dinâmica comuns ao Laboratório de Mudanças (Forma). Dessa maneira, toda construção do planejamento do Laboratório de Mediação em PDT, para efeito de organização e definição da estrutura do estudo, foi inspirada no método do Laboratório de Mudança, que se baseia na Teoria da Atividade Histórico-Cultural - TAHC (VIRKKUNEN, NEWNHAM, 2015). No entanto, optou-se por fazer uso de apenas algumas de suas ferramentas, dado as diferenças epistemológicas entre as teorias da PDT e a TAHC. Assim, a proposta não foi adotar o Laboratório de Mudanças, como o é em sua proposta original, mas utilizar o formato do Laboratório de Mudanças como inspiração para criar um novo formato, estruturado com bases na configuração do Laboratório de Mudanças, mas essencialmente alinhado às bases epistemológicas da PDT.

Com o propósito de demonstrar o resultado dessa inspiração oportunizada pelo Laboratório de Mudanças, será apresentado como o Laboratório de Mediação em PDT foi construído, procurando descrever os procedimentos e as respectivas justificativas teóricas para que eles sejam realizados.

No que se refere a pesquisa em Clínica da PDT, vale ressaltar que ela é constituída de uma série de etapas que têm como função nortear e orientar os trabalhos de campo. Essas etapas são consideradas fundamentais para se alcançar os objetivos como preconizado na metodologia em PDT e seguem uma sequência lógica de realização (LANCMAN; SZNELWAR, 2011).

Dejours (1987) estabelece uma estrutura para as pesquisas em Clínica em PDT determinando como elas devem acontecer. Ele concebe uma sequência de oito etapas: 1) a Pré-pesquisa, 2) a Pesquisa, 3) a Demanda – grupo homogêneo e o coletivo, 4) o Material de Pesquisa, 5) a Observação Clínica, 6) o Método de Interpretação, 7) a Validação e Refutação dos Dados e, por fim, 8) Confrontação entre Metodologia e a Teoria. No entanto, Mendes (2007) compactam essas fases em apenas três, por considerarem que as etapas 3 a 6 são desdobramentos que ainda constituem a fase de pesquisa, e a 7 e 8 fariam parte da mesma etapa. Assim, as autoras concebem a estrutura da pesquisa da Clínica em PDT em 1) Pré-Pesquisa, 2) Pesquisa propriamente dita, e 3) Validação e Refutação. Esse estudo vale-se da estrutura como proposta por Mendes (2007), por considera-la mais adequada à proposta da pesquisa.

A partir dessas definições, pretende-se detalhar as fases que devem ser respeitadas num estudo em Clínica em PDT, como segue:

4.1 – Pré-pesquisa

A primeira etapa é a Pré-pesquisa, e tem como finalidade a preparação para o desenvolvimento dos trabalhos. Nessa etapa o pesquisador deve definir quem são os sujeitos da pesquisa, que para referência utilizada nesse estudo, seriam as empreendedoras, além de buscar conhecer o campo, ou seja, o ambiente de atuação da empreendedora, levantando informações técnicas, econômicas e científicas da ação empreendedora por mulheres que atuam nesse campo e delimita os critérios estabelecidos para o andamento do referido estudo. Esses dados podem ser levantados em jornais, revistas especializadas, sites, periódicos acadêmicos, entre outras fontes que forneçam informações consideradas relevantes para a pesquisa (MENDES, ARAÚJO, 2012).

Na Clínica em PDT, o pesquisador não atua sozinho ao longo da realização da pesquisa. Cria-se e estrutura-se uma equipe, um coletivo de pesquisadores, constituído pelo pesquisador e mais quatro assessores de pesquisa. O pesquisador coordena todas as atividades referentes ao andamento das sessões e de análises, e os quatro assessores são responsáveis pelas demais

atividades necessárias à pesquisa: gravação, observação e registro das reações e comportamentos das empreendedoras, além de auxiliar na organização do espaço onde são realizadas as sessões.

Os registros das reações, impressões e considerações devem ser feitos em um diário de campo, que deve ser entregue para cada pesquisador à cada sessão. Além dos diários de campo, em cada sessão, a equipe deve ficar responsável por providenciar os seguintes materiais, necessários à pesquisa: um computador, um projetor multimídia, dois equipamentos para gravação de vídeo, um banner que identifique a pesquisa, um banner que identifique as instituições envolvidas, um flip chart com papel, pincéis para escrever em papel, papel A4, canetas, além de outros materiais que sejam requeridos para alguma atividade específica.

A título de informação complementar, vale mencionar que os assessores podem já ser vinculado à algum grupo de estudo. Um exemplo é o grupo de pesquisa Mediata – Metodologias Intervencionistas e Aprendizagem Trans/formativa, vinculado à Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá-PR, especializado em estudos em pesquisas intervencionistas nos moldes do Laboratório de Mudanças.

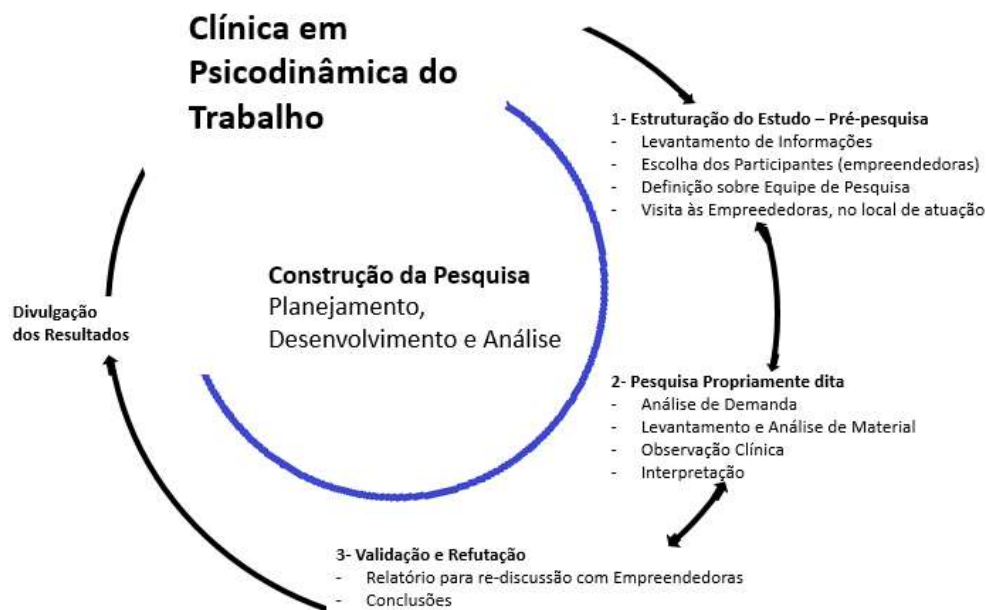
Ainda na Pré-pesquisa, cabe ao pesquisador visitar a cada empreendedora em sua respectiva empresa. Esse contato tem duplo propósito: primeiro - identificar se há “Demanda” pelo tema após uma apresentação que esclareça a proposta do estudo. Caso haja o interesse em participar do estudo, os participantes devem assinar um termo de consentimento livre e esclarecido, em que constará as devidas explicações sobre o objetivo da pesquisa, bem como, os esclarecimentos sobre os cuidados éticos com o material coletado e com os sujeitos participantes. Segundo – levantar informações sobre a empreendedora no contexto de suas atividades cotidianas. Para tanto, além da observação, será realizada uma entrevista semiestruturada, com questões sobre a sua história e vivências como empreendedora e sobre seu negócio.

Segundo Dejours (1987), é importante para o estudo que se tenha acesso ao local onde ocorre o trabalho (no caso, a ação empreendedora), durante as horas de funcionamento, para se observar aspectos técnicos e de produtividade, interações tecnológicas, bem como, as situações que geram “aflição”, risco, esforço, constrangimentos, sendo esses últimos muito relevantes para se entender como se dão as operações do ponto de vista humano, ou seja, operações subjetivas. A ideia é alcançar uma base concreta necessária para entender do que as empreendedoras falam durante a realização da pesquisa. Estar no local onde “as coisas acontecem” acionam as capacidades sensoriais do pesquisador, o que oportunizará a captação das expressões de sofrimento e de prazer, no contexto da ação empreendedora das mulheres.

Sobre as participantes da pesquisa, é definido um coletivo constituído *ad hoc*, ou seja, um grupo de pessoas interessados em tratar da proposta do estudo de maneira conjunta, garantindo assim, que a pesquisa não seja baseada em opiniões de empreendedoras tomadas isoladamente. Isso porque, a Clínica em PDT privilegia a fala, especialmente, a fala coletiva. Dessa forma, nesse estudo, o coletivo *ad hoc* seria constituído de empreendedoras que estejam alinhadas com a demanda de pesquisa, tendo tipos de atuações semelhantes em relação à atividade de empreender. Elas não devem ser agrupadas por suas características descritivas, como: idade, renda, escolaridade; mas, pelo interesse e disposição em, conscientemente, fazer parte do estudo em PDT (MENDES, 2007).

Concluídas essas atividades, o estudo poderá seguir para as demais etapas, como apresentado na Figura 2.

Figura 2: Etapas da Pesquisa Clínica em PDT - Empreendedoras



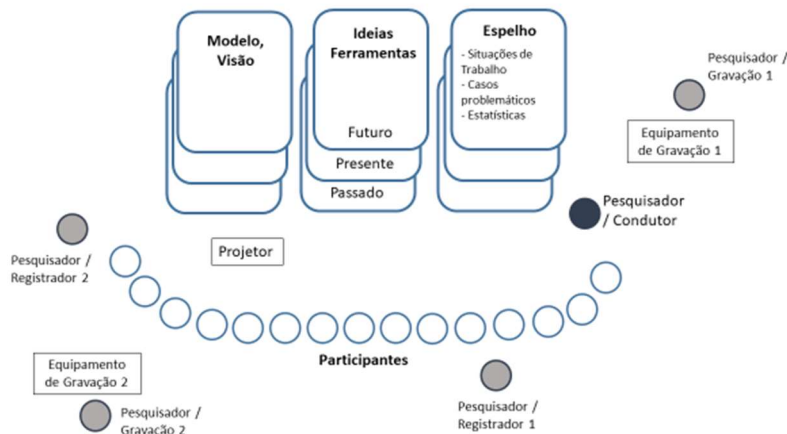
Fonte: Pesquisador

Sobre os componentes do Laboratório de Mudanças que serviram de inspiração e referência, pode-se relacionar os seguintes: a figura do Pesquisador/Interventor, o uso do processo que inclui as etapas de confrontação emocional de problemas, reflexões intelectuais distanciadas, rememoração coletiva, que compõe a superfície 3x3 (todas devidamente adaptados à PDT), e a proposta de esquema de espaço para a realização das sessões.

Em termos de definição de papéis, o pesquisador-interventor assume como o principal condutor dos trabalhos nas sessões que orquestrando as participações, as atividades da equipe em seus diferentes papéis, num esforço coletivo para propiciar a fala das participantes, tão necessária aos objetivos. Quanto aos processos de confrontação emocional de problemas, reflexões intelectuais distanciadas, rememoração coletiva, estes serão melhor explicados no tópico que trata da Pesquisa em si.

Sobre esse esquema de espaço para o posicionamento dos equipamentos e pessoas, optou-se por um layout semelhante aos utilizados em Laboratórios de Mudança, como segue na Figura 1:

Figura 1: Esquema do Laboratório de Mediação em PDT



Fonte: adaptado de Virkkunen, Newnham (2015)

4.2 – Pesquisa propriamente dita

A segunda etapa da pesquisa deve ocorrer em um espaço definido como o local de realização da Clínica em PDT. A escolha do local deve considerar justamente uma identificação com a ação empreendedora do coletivo de participantes, tendo em vista que, segundo Dejours (1987) é importante que o local seja identificado com o trabalho em si.

Os encontros com as empreendedoras acontecem em forma de sessões. Cada sessão tem uma duração aproximada de uma hora e vinte minutos, e acontece de acordo com um cronograma com data e horário previamente agendados, mediante a anuência das empreendedoras participantes. Quanto ao número de sessões, Dejours (1987) recomenda três ou quatro sessões de coleta de dados. No entanto, o número de sessões pode variar, respeitando as adaptações e flexibilidades metodológicas, além de ser importante considerar a questão da saturação dos dados coletados.

Na primeira sessão o pesquisador e equipe devem ser devidamente apresentados às participantes. Além disso, elas devem ser esclarecidas sobre o funcionamento da sessão, de modo que entendam que a pesquisa em Clínica em PDT não se equipara a intervenções médicas ou psicológicas, mas que se trata de um tipo de intervenção de um pesquisador à procura de relações entre a ação empreendedora e a condição de sofrimento-prazer ou normalidade entre as mulheres participantes do estudo (DEJOURS, 1987).

Ao introduzir o estudo, o pesquisador deve procurar evidenciar e analisar a “demanda”, garantindo a homogeneidade do grupo pesquisado, que é o coletivo. Vale ressaltar que a análise da demanda é uma ação diferente da identificação de demanda, mencionada na fase da Pré-pesquisa. A análise da demanda consiste em verificar se as empreendedoras participantes realmente compreendem o propósito da Clínica em PDT e se tem efetivo interesse pela temática do sofrimento e prazer na ação empreendedora. Isso porque, é a demanda que conduzirá o grupo à soluções e mudanças no que se refere a sua condição de alienação (MENDES, 2007).

No início de cada sessão, as participantes devem ter contato visual com “um conjunto de superfícies 3x3, cuja finalidade é representar a atividade de trabalho” (VIRKKUNEN, NEWNHAM, 2015, p. 64). Na primeira superfície, denominada “Espelho” constará informações sobre a ação empreendedora das mulheres, suas práticas e informações sobre a realidade cotidiana delas, que já terão sido levantadas na fase da Pré-pesquisa, quando das visitas ao local de trabalho de cada mulher empreendedora. A superfície espelho deve refletir a atividade empreendedora das mulheres, levando o grupo à um estado de tensão e reflexão. A segunda superfície espelho trata da atividade empreendedora ao longo do tempo, categorizada como Presente, Passado e Futuro. No espelho Presente será apresentado experiências práticas atuais da ação empreendedora por mulheres, situações problemas, perturbações e possíveis soluções inovadoras; no Passado é apresentado as observações de mudanças históricas; No Futuro, é apresentado as ferramentas e/ou meios criados pelas empreendedoras para lidar com situações futuras. E por fim, na terceira superfície, chamada Modelo/Visão, são apresentadas as modelagens que explicam as estruturas da ação empreendedora, no passado, no presente e no futuro (VIRKKUNEN, NEWNHAM, 2015).

O objetivo é fazer com que as empreendedoras se posicionem sobre temas relacionadas com o empreendedorismo por mulheres, suas nuances e peculiaridades, as questões socioeconômicas e culturais, que implicam em possíveis precarizações na ação empreendedora realizadas por mulheres, as condições em que elas têm atuado quando estão à frente de um negócio, suas relações com atores que interferem no dia a dia do negócio, sua condição emocional e física, as tensões, insônia, as possíveis estratégias de defesa para lidar com as vicissitudes do cotidiano de suas empresa, as situações de fuga (lazer, religião, intoxicação com vício), os possíveis problemas familiares e de outros relacionamentos, entre outros temas (DEJOURS, 1987).

Na confrontação emocional, as participantes serão levadas a discutir fatos desagradáveis da ação empreendedora, tais como: fracassos, perturbações e problemas difíceis que já foram enfrentados, mas que não puderam ser solucionados. A ideia é fazer com que elas possam refletir sobre esses maus momentos e identificar que tipo de sentimentos e comportamentos viveram, que mecanismos de defesa usaram para lidar com as situações, quais os resultados: desânimo, angústia, sofrimento, doença, etc. Também podem surgir sentimentos positivos, provenientes da superação ou da transformação de um momento difícil em uma conquista, e do prazer proveniente dessas superações.

A Coleta de Dados deve ocorrer em conformidade com as ações estipuladas para o levantamento e análise do “material da pesquisa” como informado na sequência. Como já foi mencionado, o interesse da pesquisa em Clínica da PDT é o discurso, o comentário; são as palavras formuladas de maneira original, viva, engajada e subjetiva, por parte das empreendedoras. Nesse estudo, o comentário, ou a falta dele, será considerado a matéria prima para a apropriação da subjetividade das mulheres empreendedoras (DEJOURS, 1987).

Os dados são coletados por meio dos registros de gravações em vídeo de cada sessão da Clínica de PDT. Os registros serão transcritos para viabilizar a análise. Além do que for registrado em vídeo, são acrescentados os dados dos diários de campo, no qual, a equipe de pesquisadores registrará seus comentários sobre as observações feitas.

Nos diários de campo devem constar tudo que for considerado relevante como proveniente da observação clínica, ou seja, devem ser registradas as reações, expressões, demonstrações de insatisfação ou concordância, etc. (DEJOURS, 1987; MENDES, 2007). Todos esses dados servem de insumo para discussões e análises da equipe de pesquisadores. Por esse motivo, a equipe de pesquisadores recebe recomendações para que essas observações e registros não se fixem apenas na mera descrição dos fatos observados durante as sessões, mas que se dê atenção aos movimentos e reações do grupo de empreendedoras, sempre que o pesquisador encaminhar um tema ou questão para discussão.

Lembrando sempre que os fatos observáveis são subjetivos, ou melhor, intersubjetivo, o que exige da equipe de pesquisa um olhar para a reação do grupo, e não apenas para reações de uma das participantes. Portanto, o que interessa nessas sessões não é o indivíduo em si, mas o acessar a subjetividade das empreendedoras no contexto da ação empreendedora, focando as relações intersubjetivas entre as mulheres empreendedoras e a ação de empreender (MARTINS, MENDES, 2012).

Assim, a proposta é não se preocupar com fatos, em si só, mas com o que for dito. O que interessa à pesquisa é mais a versão contada pela empreendedora, do que o fato ou a realidade em si. Por esse motivo, à medida em que as sessões forem ocorrendo, o que deve ser melhor observado e detalhado, são os assuntos comentados pelo grupo, não importando quem tenha falado. O foco deve recair sobre os temas consensuais, sobre as contradições, sobre expressões positivas, e sobre o silêncio frente a um determinado assunto. Caso surja algum tema que se considere relevante pelo pesquisador, mas que tenha sido pouco debatido pelo grupo, a questão poderá ser reformulada e reencaminhada, para verificação do nível de relevância dado pelo grupo ao tema (DEJOURS, 1987; MENDES, 2007).

Por fim, na última atividade inerente a etapa de pesquisa, deve ser definido um momento para interpretação do material de pesquisa levantado. Sempre após uma sessão, num momento separado para essa ação, o pesquisador e sua equipe se reunirá com o objetivo de discutir e investigar os prováveis significados das falas, das expressões, das reações, da postura das empreendedoras frente aos temas trazidos para discussão nas sessões, e etc. Tais interpretações devem dar ênfase ao coletivo e devem ter como lente os conceitos teóricos, tais como: a organização do trabalho, a condição de sofrimento-prazer no trabalho, o trabalho real e o prescrito, etc.

4.3 – Validação ou Refutação

Tudo que for levantado, registrado, analisado, interpretado, do que for proveniente dos materiais de pesquisa, deve ser levado aos participantes da pesquisa na forma de um relatório, para que seja apresentado e validado, ou refutado, pelas empreendedoras. Os materiais refutados deverão retornar às sessões, para que, no coletivo, sejam corrigidos e ajustados, até que se tenha consenso sobre os sentidos das interpretações realizadas (MENDES, 2007).

Esse relatório favorecerá a re-apropriação do material de pesquisa, por meio da reelaboração do saber advindo do coletivo, ao tratar do contexto da ação empreendedora. Assim, o procedimento de validação ou refutação das interpretações dos pesquisadores, será necessário, até que se alcance um material final, quando será criado o relatório definitivo dos resultados da pesquisa (GÓMEZ et al., 2016).

A fim de contribuir com estudos que façam uso do método Clínica em PDT, elaborou-se um quadro que permita ao pesquisador acompanhar as fases de seus estudos, bem como, se cada objetivo foi tratado. O Quadro 1 apresenta, assim, um modelo de como cada um dos Objetivos da Pesquisa seriam acompanhados, considerado os procedimentos a serem realizados em cada uma das fases da Clínica em PDT, levando em conta os seus respectivos procedimentos metodológicos e o momento da pesquisa (tempo) para cada atividade, como segue:

Quadro 1 – Objetivos e Procedimentos Metodológicos

Objetivos	Procedimentos Metodológicos	Momentos da Pesquisa	Período
Geral:	Revisão Teórica	Elaboração da Estrutura Fase Inicial	ANO dia/mês a dia/mês
	Definição sobre Objeto de Pesquisa		
	Planejamento para o estabelecimento da Clínica em Psicodinâmica do Trabalho		
Específico 1	Pré-pesquisa: a – Atividade 1 b – Atividade 2 c – Atividade 3 d – Atividade 4	Implementação: Fase Inicial	ANO dia/mês a dia/mês
	Pesquisa: a – Avaliar as respectivas demandas b – Apresentação dos “Dados Espelho” c – Levantamento de material de pesquisa e análises d – Validação e Refutação das Análises	Sessões 1 a 3	ANO dia/mês a dia/mês
Específico 2:	Pesquisa: a – Apresentação dos “Dados Espelho” e início das discussões sobre os	Sessões 4 e 5	ANO dia/mês a dia/mês

	Mecanismos de Defesa para se obter a normalidade b – Levantamento de material de pesquisa e análises c – Validação e Refutação das Análises		
3) Específico 3: prazer, decorrentes desse trabalho.	Pesquisa: a – Apresentação dos “Dados Espelho” e início das discussões sobre os Mecanismos de Defesa para se obter a normalidade b – Levantamento de material de pesquisa e análises c – Validação e Refutação das Análises	Sessões 6 e 8	ANO dia/mês a dia/mês

Fonte: Pesquisador

5 – Critério para Análise dos Dados na Clínica em PDT

Mendes (2007) sugere que os dados coletados nos estudos em Clínica de PDT sejam analisados pela técnica de Análise dos Núcleos de Sentidos (ANS). Segundo a autora, essa é uma técnica adaptada a partir da análise de conteúdo categorial, desenvolvida por Bardin (1977), que consiste no desmembramento do texto em unidades, ou melhor, em núcleos de sentido constituídos a partir de um minucioso exame dos temas de interesse evidenciados no discurso.

Segundo Bardin (1977), a unidade de sentido é resultado de uma sistematização de conteúdos provenientes dos discursos, que possibilita uma compreensão ampliada dos significados dados aos fragmentos de mensagens tomadas em consideração. Dessa forma, o pesquisador deverá dar atenção tanto ao sentido da comunicação, como se ele fosse um receptor normal, quanto ao sentido da mensagem que não foi expressa, mas que é passível de ser compreendida pelo que foi expresso.

Trata-se de uma técnica de análise de textos produzidos pela comunicação oral e/ou escrita. Esse método de análise é aplicado por meio de procedimentos sistemáticos, que envolvem definição de critérios para análise e tem como finalidade agrupar temas (conteúdos) com mesmos sentidos, apesar de aparecerem no discurso com expressões distintas, ou veladas pela forma de expressar. Assim, o critério para esse agrupamento são os sentidos e significações que possibilitam interpretações mais adequadas quanto a intensão sobre o que se pretendia dizer (MENDES, 2007).

A análise terá início com a leitura geral dos resultados de cada sessão e diários de campo, e da marcação das falas que representem os temas, considerando a semântica dada aos mesmos. Dessa forma, os termos serão categorizados pelo critério de semelhança de significado semântico, lógico, e até psicológico. Por esse motivo, o status de núcleo de sentido é dado pela força dos temas, que ao serem recorrentes criam uma consistência em torno daquele núcleo. O nome e definição dos núcleos de sentidos deverão ser sempre criados com base nos conteúdos verbalizados pelas empreendedoras, mediante a certo refinamento gramatical de forma (MENDES, 2007).

O Quadro 2 apresenta como serão demonstrados os resultados do processo de Análise dos Núcleos de Sentido:

Quadro 2: Categorização dos Núcleos de Sentidos

Núcleo de Sentido	Definição	Verbalizações
(Temas agrupados por significações, conforme falas do grupo)	(Detalhamento explicativo sobre os sentidos e significados, conforme interpretação dada)	E1: E2: E3: (Transcrição de fragmentos das falas de cada Empreendedora, tal como foram registradas)

Fonte: Pesquisador

Esses agrupamentos temáticos em categorias de Núcleo de Sentidos permitirão as inferências para as falas das empreendedoras, bem como, a busca de outros significados para as mensagens expressas.

6 – Expectativas do Estudo em PDT junto a Mulheres Empreendedoras

É natural que, ao tratar dos aspectos teóricos que culminaram na construção de uma abordagem metodológica intervencionista, tal como proposto no Laboratório de Mediação em PDT, a fim de se compreender o processo de subjetivação da Ação Empreendedora por mulheres, que expectativas surjam quanto a possíveis resultados de pesquisa. Entre tantos possíveis resultados, espera-se que o coletivo das participantes alcance: 1) uma melhor compreensão dos processos psíquicos de subjetivação que envolvam o prazer e sofrimento provenientes do trabalho, no caso, da ação empreendedora. 2) construção de laços afetivos entre as participantes, para que, por meio de um coletivo, seja possível romper com o risco da condição de alienação, buscando a preservação do bem-estar físico, mental e emocional das mesmas.

Essa compreensão seria alcançada pelo *experenciar* de um debate coletivo que trate, por exemplo, da ação empreendedora como o trabalho real. Na PDT há uma diferenciação entre o trabalho prescrito e o real. Dejours e Deranty (2010) afirmam que o trabalhar é, em primeiro lugar, experimentar o real; e o trabalho real está diretamente relacionado com o conceito de *falha*, sendo que experimentar a *falha* seria experimentar, o não previsto, a pane no conhecimento/saber técnico. A *falha* produz um gap, uma lacuna entre o trabalho real e o trabalho prescrito. O trabalho prescrito é aquele que está em conformidade com uma expectativa estabelecida, estando como foi estipulado por um agente que organiza o trabalho. Assim, sempre que a empreendedora não obtém um financiamento por questões de gênero, ou precisa redirecionar sua atenção do trabalho para cumprir um outro papel social, como mãe de um filho doente, ela se depara com o trabalho real, ou seja, com as falhas em relação ao que foi prescrito, ao que foi estipulado e planejado para as ações empreendedoras do dia.

Esse trabalho real está relacionado com o movimento do sujeito em recorrer a sua subjetividade buscando desenvolver uma forma específica de inteligência prática, inerentemente inventiva e criativa, a fim de superar a resistência contrária ao trabalho como ele é, e não como foi prescrito. Ocorre que as soluções que o sujeito deve criar dependem de uma experiência íntima com a *falha*. A fim de encontrar a solução adequada para o enigma da

realização da tarefa, a experiência de *falha* deve primeiro ser interiorizada e apropriada para depois ser enfrentada diretamente e experimentada intimamente. O sujeito deve aceitar ser um com essa *falha*, que é dele mesmo. Esta apropriação subjetiva da experiência do fracasso é chamada de subjetivação do trabalho real. Juntamente com a subjetivação do trabalho real, ocorre também uma familiarização íntima com a realidade do trabalho, via um confronto obstinado e corporal com a obstrução da materialidade que define a realidade da tarefa em questão. Dependendo de como o sujeito passa a lidar com essa subjetivação do trabalho, o resultado poderá ser o sofrimento, ou o prazer proveniente do trabalho, ou melhor, da ação empreendedora (DEJOURS, DERANTY, 2010).

A utilização do Laboratório de Mediação em PDT pode possibilitar essa compreensão dos processos da subjetivação da ação empreendedora, e essa compreensão pode propiciar inúmeras outras descobertas relacionadas com sofrimento, prazer, adoecimento, mecanismos de defesa, sublimação, entre outras possibilidades.

A segunda expectativa que torna justificável a utilização do Laboratório de Mediação em PDT na ação empreendedora está relacionada com sua proposta de propiciar vivências num coletivo que provoque reflexões subjetivas sobre o contexto do trabalho, procurando desvendar as maneiras como as participantes (empreendedoras) lidam com as pressões, dificuldades, desafios passivos de ocasionar sofrimento, ou mesmo, de prazer (ROSSI, 2014). Como já mencionado a Clínica em PDT é uma abordagem teórico-metodológico que também se propõe a um esforço emancipatório.

Essa emancipação pode ser alcançada pela aproximação de demandas comuns. Ou seja, a metodologia estabelece como condição não apenas a identificação de uma demanda comum na busca por possíveis transformações na ação empreendedora, mas também por discussão sobre essas demandas tendo como referência o contexto de passado e futuro, dos dados espelho, o que pode propiciar maior identificação entre as participantes. Lembrando que a análise da demanda consiste em verificar se as empreendedoras participantes realmente compreendem o propósito da Clínica em PDT e se tem efetivo interesse pela temática do sofrimento e prazer na ação empreendedora, o que pode conduzir o grupo à soluções e mudanças no que se refere a sua condição de alienação (MENDES, 2007).

Sabe-se que o empreendedorismo por mulheres tem sido limitado pelas diferenças de papéis, típicas das discussões de gênero. Mas, essas limitações acabam se tornando pontos de afinidade e empatia, sendo que diversos estudos têm mostrado que o empreendedorismo feminino tem potencial para produzir mudanças individuais, em grupo e em comunidades mais amplas, ao buscarem por maior igualdade de gênero, emancipação e empoderamento (AHL, 2006; JONATHAN, 2011). Não que o empreendedorismo por si só seja suficiente para produzir a igualdade de gênero, mas algumas mulheres têm usado o empreendedorismo como uma ferramenta para se redefinirem como pessoa, para ganharem independência e autonomia, bem como para contestarem sua condição de coadjuvante através de reconhecimento social de que elas podem tomar suas próprias decisões e buscarem melhores condições de vida, o que envolve família, comunidade, as cooperativas e autoridades locais, que geram uma tensão entre liberdade e responsabilidade, mas também geram transformações na subjetividade e na identidade da mulher, como consequência desse processo na busca por emancipação e empoderamento (SAMUEL, 2014).

Vale destacar que os conceitos de empoderamento e emancipação, a que se refere esse estudo, estão relacionados com o processo através do qual as empreendedoras alcançam autonomia para realizar, por elas mesmas, as ações e mudanças necessárias para seu crescimento e desenvolvimento pessoal e social. Estas mudanças devem vir por meio da aquisição de informações relevantes que sustentem suas decisões, pela obtenção da capacidade de fazer reflexões críticas e pela tomada de consciência sobre sua condição como mulher, como alguém que está à frente de um negócio num determinado contexto e que é tão ciente sobre o

ponto em que se encontra, quanto sobre onde ela pretende chegar (SCHIAVO, MOREIRA, 2005; JONATHAN, 2011).

6 – Considerações Finais

Este estudo ressaltou a importância de alternativas metodológicas nos estudos em empreendedorismo que pudessem responder questões de pesquisa que tratam de subjetivação da ação empreendedora e, portanto, não poderiam ser discutidas por meio de abordagens metodológicas objetivistas e funcionalistas. Assim, a fim de construir um arcabouço metodológico que tratasse dessa subjetivação da Ação empreendedora, está sendo proposto uma estrutura metodológica que combinasse as abordagens teóricas da Psicodinâmica do Trabalho e o Empreendedorismo, com inspiração no formato dos Laboratórios de Mudanças, baseados baseia na Teoria da Atividade Histórico-Cultural – TAHC.

Dessa forma, foi estruturado o Laboratório de Mediação em Psicodinâmica como uma alternativa de abordagem metodológica para os estudos sobre o processo de subjetivação da ação empreendedora, optando ainda por se direcionar o estudo para as especificidades do empreendedorismo por mulheres, como forma de caracterizar a aplicabilidade da referida estrutura metodológica. O Laboratório é constituído de três fases: 1ª.) a estruturação da pesquisa na Pré-pesquisa – levantamento de informações sobre o campo, os participantes e da equipe de pesquisadores; 2ª.) a Pesquisa propriamente dita – em que é feita a análise da demanda, o levantamento dos dados de pesquisa nas sessões, partindo sempre de reflexões sobre os dados espelho e situações em que as emoções foram acentuadas, e interpretação dos dados levantados; 3ª) Validação e refutação trazendo os resultados para serem validados pelas participantes, e definindo as conclusões sobre os resultados obtidos.

Como expectativa sobre os possíveis resultados pela utilização da abordagem teórica, espera-se alcançar uma consciência sobre como se dá o processo de subjetivação e, com isso, propiciar um direcionamento para inúmeras outras descobertas relacionadas com sofrimento, prazer, adoecimento, mecanismos de defesa, sublimação, entre outras possibilidades, que sejam provenientes da ação empreendedora. Além disso, espera-se também, especificamente para o empreendedorismo por mulheres, que sejam geradas iniciativas de transformações na subjetividade e na identidade da mulher, como consequência desse processo na busca por emancipação e empoderamento, através de um coletivo criado por meio de vínculos criados pelas as mesmas demandas de transformação.

7 - Bibliografia

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.
- BENDASSOLLI, P.; SOBOLL, L. A. **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2010.
- CASADORE, Marcos Mariani. Sobre os aspectos clínicos e a complexidade do trabalho: as clínicas do trabalho compreendidas pela perspectiva da Psicossociologia. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 177-185, 2016.
- COSTA, S. H. B. Sentido do Trabalho In. VIEIRA, F. O., MENDES, A. M., MERLO, A. R. C. **Dicionário crítico de gestão e Psicodinâmica do Trabalho**. Curitiba: Juruá, 2013.
- DAVEL, E.; VERGARA, S. C. **Gestão com pessoas e subjetividade**. 5ª Ed. – São Paulo: Atlas, 2012.
- DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho**. São Paulo: Cortez-Oboré, 1987.
- _____. **Trabalho vivo – sexualidade e trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2012.
- DEJOURS, Christophe; DERANTY, Jean-Philippe. The centrality of work. **Critical Horizons**, v. 11, n. 2, p. 167-180, 2010.

- GARTNER, William B.; BIRLEY, Sue. Introduction to the special issue on qualitative methods in entrepreneurship research. **Journal of Business Venturing**, v. 17, p. 387 – 395, 2002.
- GHIZONI, Liliam Deisy; MENDES, Ana Magnólia. Dispositivos para uma escuta clínica do sofrimento no trabalho dos catadores de materiais recicláveis. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 15-26, jun. 2014.
- GÓMEZ, V.A., MENDES, A.M., CHATELARD, D.S., CARVALHO, I.S. A palavra como laço social na clínica Psicodinâmica do Trabalho. **Contextos Clínicos**, v. 9, n. 2, p. 253-264, 2016.
- GUIMARÃES JÚNIOR, E. H. ; MACEDO, K. B. . Saúde e trabalho do empreendedor: um estudo em psicodinâmica do trabalho. **Fragmentos de Cultura** (Online), v. 23, p. 335-347, 2013.
- JONATHAN, Eva G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Psicologia Clínica**, v. 23, n. 1, p. 65-85, 2011.
- LACMAN, Selma, SZNELWAR, Laerte Idal (Org.) **Christophe Dejours: Da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz: 2011.
- LEITCH, Claire M.; HILL, Frances M.; HARRISON, Richard T. The philosophy and practice of interpretivist research in entrepreneurship. **Organisation Research Methods**, 2009.
- MARTINS, S. R., MENDES, A. M. Espaço coletivo de discussão: a clínica PDT como ação de resistência. **Revista Psicologia**, v.12, n. 2, p. 171-183, 2012.
- MENDES, A. M. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método, pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- MENDES, A. M., ARAUJO, L.K.R. **Clínica Psicodinâmica do trabalho: o sujeito em ação**. Curitiba, Juruá, 2012.
- NEERGAARD, Helle; ULHØI, John P. (Ed.). **Handbook of qualitative research methods in entrepreneurship**. Edward Elgar Publishing, 2007.
- ROSSI, E. Z. Método de pesquisa em Psicodinâmica do Trabalho In: MENDES, A. M. (Org.) Ed. **Psicodinâmica e Clínica do Trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros**. (3ª reimpressão) Curitiba : Juruá, 2014.
- SAMUEL, Lino. O Contributo do Empreendedorismo Feminino no Empoderamento Socioeconómico da Mulher, estudo de caso (pemba, moçambique). **Revista Electrónica de Investigação e Desenvolvimento**, n. 2, 2014.
- SCHIAVO, M. R., MOREIRA, E. N. **Glossário Social**. Rio de Janeiro: Comunicarte.2005.
- SPINK, Mary Jane P.. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, Set. 1993.
- SZNELWAR, L. I.; UCHIDA, S.; LANCMAN, S. A subjetividade no trabalho em questão. Tempo Social: **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 11-30, 2011.
- UCHIDA, Seiji; SZNELWAR, Laerte Idal; LANCMAN, Selma. Aspectos epistemológicos e metodológicos da Psicodinâmica do Trabalho. **Travailler**, n. 1, p. 45-59, 2011.
- VIRKKUNEN, J., NEWNHAM, D. S. **O laboratório de mudança: uma ferramenta de desenvolvimento colaborativo para o trabalho e a educação**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2015.